Whitacker, A.

Faculdade de Ciências e Tecnologia

Universidade Estadual Paulista – Unesp. Brasil

arthurmw@fct.unesp.br

Miyazaki, V.

Faculdade de Ciências Integradas do Pontal

Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Brasil

vitor@pontal.ufu.br

O estudo das formas da cidade no âmbito da Geografia Urbana.

Apontamentos metodológicos.

Referência: Whitacker,A.; Miyazaki , V. (2012). O estudo das formas da cidade no âmbito da Geografia Urbana. Apontamentos metodológicos. Revista de Geografia e Ordenamento do Território, n.º 2 (Dezembro). Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território. Pág. 307 a 327

Resumo

Neste artigo, dedicamo-nos a sistematizar contribuições de autores que se preocuparam com o estudo das formas urbanas e com as relações destas com o processo de produção do espaço. Essa discussão se pauta, sobretudo, no âmbito da Geografia Urbana. Procuramos estabelecer comparações entre a escolha das formas urbanas como elemento de estudo e sua distinção, ou complementaridade, com a análise da paisagem urbana, também com privilégio à Geografia Urbana.

Palavras-Chave: Geografia urbana, morfologia urbana, forma urbana, paisagem urbana

Abstract

In this article we systematize contributions of authors who studied urban forms and their relations with the production of space. This discussion is guided mainly within the Urban Geography. We seek to draw comparisons between the study of urban forms and their distinction, or complementarity with the analysis of the urban landscape, also with privilege to Urban Geography.

Keywords: Urban geography, urban morphology, urban form, townscape

1. Apresentação

Propomos, neste texto, uma análise da morfologia urbana a partir da perspectiva da Geografia, nossa ciência de formação, e estabelecemos considerações sobre a utilização da morfologia urbana como recorte analítico e procedimento de investigação. Compartilhamos da compreensão de que há um processo de dupla determinação entre forma e processo; entre espaço e sociedade. Assim, formas espaciais possuem certa capacidade de influenciar as práticas sociais, tanto quanto estas se apropriam e produzem aquelas.

O desenvolvimento do trabalho foi por nós empreendido, primeiramente, sistematizando uma breve digressão sobre o termo morfologia, analisamos autores, geógrafos e não geógrafos, que se ocuparam da pesquisa sobre as formas urbanas ou que apresentaram propostas para sua definição. Em seguida, apresentamos elementos que consideramos distintos nos estudos das formas e na análise da estrutura urbanas.

O tópico seguinte do texto foi dedicado à discussão das relações entre forma, conteúdo e processo, no âmbito da produção do espaço urbano.

Demoramo-nos mais na identificação de proximidades, ou não, entre a morfologia urbana e o estudo da paisagem no quarto tópico, que é o mais longo deste artigo.

Esta ênfase é enriquecida com as relações que estabelecemos entre morfologia, paisagem e tempo, constituintes da quinta subdivisão.

Por fim, preocupamo-nos em apresentar considerações sobre procedimentos e elementos da investigação das formas urbanas, a partir da discussão presente nos itens anteriores e na bibliografia utilizada.

2. Sobre morfologia e morfologia urbana

Quando buscamos a acepção da palavra *morfologia*, deparamo-nos com o termo *forma*. Etimologicamente, *morfologia*, ainda sem a adjetivação *urbana* significa: “*Tratado das formas que a matéria pode tomar*” (Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, 1986, p. 1160); “*estudo da forma, da configuração, da aparência externa*

da matéria” (Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, (2012, não paginado). Ao recorrermos ao significado de morfologia em outras línguas essa vinculação também é evidente. Para o Oxford Dictionaries (2012, não paginado) o termo *morphology* significa “*the study of the forms of things, in particular*”.

Destacamos a vinculação do termo morfologia com dois campos específicos, a Biologia e a Linguística, sempre atrelados à análise da forma. O Dictionnaire Français Larousse (2012, não paginado), por exemplo, traz uma definição para morfologia ligada, diretamente, à Biologia (“*Étude de la forme et de la structure externes des êtres vivants dans les différentes sciences biologiques*”) e à linguística (“*Partie de la grammaire qui étudie les problèmes relatifs à la formation des mots ainsi qu'aux variations de leurs désinences*”), além de outros significados mais gerais: “*Synonyme de géomorphologie; Étude de la quantité, de la forme, de la répartition et de la proximité des éléments d'une structure macro - ou micrographique*”.

Na língua espanhola, o termo morfologia também se encontra atrelada à Biologia, como mostra a definição do Diccionario de La Lengua Española de La Real Academia Española (2012, não paginado), que define o termo *morfología* como “*parte de la Biología que trata de la forma de los seres orgánicos y de las modificaciones o transformaciones que experimenta*”.

Esta breve digressão é importante para que estabeleçamos que morfologia é um estudo da forma urbana, não a forma em si. Já a relação do termo morfologia com as Ciências Biológicas denota proximidade terminológica e, em alguns casos, analítica entre essa área do conhecimento e determinadas correntes dos estudos urbanos. Expressões como “organismos urbanos” ou “regeneração urbana” são corriqueiras, assim como fazem parte da história da pesquisa urbana abordagens em que as relações espaciais e temporais estão subordinadas ou são ligadas às “forças seletivas, distributivas e acomodativas do meio ambiente” (Mackenzie, 1925 apud Clark, 1982, p.183), como na Ecologia Humana, ou nas associações estabelecidas entre crescimento das cidades e fenômenos biológicos, como aquelas presentes na obra de Patrick Geddes. Este autor, com formação original na área de Biologia, em seu estudo sobre urbanismo e o crescimento das cidades no início do Século XX, estabeleceu elementos importantes para o planejamento urbano a partir de uma visão interdisciplinar, a

despeito da associação entre a análise das formas e processos biológicos com as formas das cidades e o processo de urbanização, podendo ser citado como exemplo a formulação do conceito de conurbação, referindo-se à mudança na morfologia urbana resultante do crescimento das grandes cidades industriais inglesas. No caso dos estudos de Patrick Geddes, seu sentido principal estava no entendimento do processo de crescimento das cidades.

No caso da Escola de Chicago, sem se desvincular da preocupação em descrever a expansão e complexificação da cidade, sobretudo, se nos atermos à sua primeira fase, as contribuições se deram na produção de modelos interpretativos que levavam em conta as formas espaciais decorrentes dos chamados processos ecológicos de concentração, centralização/descentralização, invasão-sucessão e segregação. Por conta desse recorte empírico e analítico, suas contribuições, tanto quanto a necessidade de a elas se contrapor, o que não empreendemos neste texto, dão-se no entendimento da estruturação e no recorte da estrutura urbana, muito mais que no âmbito da morfologia urbana. Nesse mesmo sentido, enquadram-se os estudos urbanos que se valeram da adaptação do princípio de diferenciação de áreas à cidade, tomando-se as contribuições de Hettner e Hartshorne¹.

O extenso conjunto de elementos que compõe a morfologia cria a possibilidade de atuar nesse campo a partir de diferentes áreas do conhecimento. Nesse sentido, Holanda et al. (2000, p.11) destaca que a “diversidade de questões em relação à forma urbana indica a pluralidade de aspectos pelos quais se pode compreender a cidade, qualificando-a como um fenômeno que admite vários olhares”.

3. Forma, conteúdo e processo

O estudo das formas espaciais pode, além de estabelecer procedimentos como a identificação de elementos comuns ou não, apreendidos a partir da configuração e da consequente, ou possível, classificação, comparação e produção de tipologias (do plano ou do sítio, por exemplo), servir à compreensão das dinâmicas que culminaram

¹ Que, no entanto, não se utilizaram diretamente desse princípio para a análise intraurbana.

em determinada feição ou como certa forma urbana pode ser corolária de um processo. Sobre o assunto, Sposito (2004) também chama atenção para o fato do estudo da forma urbana remeter, frequentemente, à apreensão do plano e à elaboração de tipologias. Para a autora, tais investigações buscam:

classificar diferentes planos urbanos e reconhecer as formas que as cidades têm em função desses planos ou mesmo da ausência deles, quando a configuração resultante da disposição das vias e de outros espaços da cidade é desordenada e/ou resulta de um processo em que o desenho prévio ou o planejamento não ocorreu (Sposito, 2004, p.65).

A partir do estudo das formas urbanas é possível considerar um conjunto de elementos que deem conta de captar a complexidade do espaço urbano. Nas palavras de Fernandes (2008, p. 330), *“a organização da cidade atual pressupõe a consideração de factores políticos, económicos, sociais, culturais e tecnológicos de hoje”*, em diferentes contextos.

Lefebvre (1999, p. 110), por seu turno, chama atenção para a importância de não ficarmos restritos apenas à forma urbana no *“sentido habitual do termo, isto é, geométrico ou plástico”* para se tratar da disposição espacial, pois este autor reconhece que a forma urbana expressa uma ideologia e uma expressão empiricizada de poder sobre a cidade. É nesta sua concepção que está embasada a compreensão de que o *design* urbano não pode ser analisado *per si*, mas se deve apreendê-lo como tal manifestação e que, portanto, possui algum grau de determinação sobre as relações e os processos sociais.

Nesse esforço de superar uma visão limitada e restrita de *forma urbana*, Holanda et al. (2000, p. 11) enfatizam que escrever sobre *“forma urbana [...] remete, necessariamente, à abordagem dos processos de organização social na cidade a partir de suas características configurativas”*. Isto porque a definição de *forma* circunscrita aos limites exteriores da forma em si deve ser superada a partir do momento em que o termo vem acompanhado da adjetivação *urbana*, que reflete o próprio processo de produção social do espaço urbano, na perspectiva sistematizada por Gottdiener (2010) a partir das obras de Lefebvre, que, sem abandonar uma abordagem marxista,

considera que o espaço possui *status* de força de produção (Gottdiener, 2010, pp. 125-135).

Essa preocupação em não restringir os estudos geográficos à forma é, portanto, fundamental, principalmente quando nos referimos à cidade e ao urbano no contexto da produção do espaço urbano, como acima discutido. Sobre o assunto, Sposito (2004, p.65) já destacou que *“o termo morfologia é designativo daquilo que se refere à forma, mas o conceito de morfologia urbana vai muito além da análise das formas urbanas em si, embora as contenha”*. Isto por que a partir da morfologia urbana, no âmbito da Geografia, devemos compreender que das formas se podem inferir processos, ou, ainda, que dos processos se torna possível identificar formas, como escrevemos alhures, já que estas não possuem autonomia. O contrário implicaria na descrição geométrica, ou seja, da aparência da forma, ou topológica, isto é da relação de umas formas frente a outras formas.

É, assim, necessário considerar as formas a partir de seus conteúdos, enquanto materialização do processo de urbanização. Lamas (2004, p. 31) afirma que o *“interesse pela forma urbana terá de avaliar com objectividade os conteúdos da cidade moderna e da cidade tradicional, e só dessa avaliação poderão nascer pistas para o desenho da cidade contemporânea”*. Essa assertiva, embora parta de uma obra com preocupações centradas no desenho urbano em si, compreende a importância da prospecção temporal, a partir das formas urbanas, para o ato de planejar a cidade do presente. Se esta compreensão, no bojo de uma discussão sobre a produção, material e imaterial da cidade, pode parecer reduzida, frente a uma compreensão mais ampla, como a já referenciada à Lefebvre (1999), não se pode deixar de registrar o reforço da dimensão da produção social do espaço, por compreender que a ação social se materializa nas formas da cidade.

4. Morfologia urbana e estudo da paisagem

Pode-se depreender que morfologia urbana possui forte relação com o estudo da paisagem urbana. Este conceito, certamente, mereceria uma discussão própria, já que possui significado polissêmico, se levarmos em conta o conjunto da produção na

ambitudo da Geografia e em suas especialidades. Porém, aqui nos interessa reconhecer a proximidade, ou ambivalência, em algumas obras, do emprego dos termos morfologia urbana e estudo da paisagem urbana.

Reconhece-se, em vários autores geógrafos e em suas obras sobre a cidade, a utilização da expressão morfologia urbana e do termo paisagem, ou paisagem urbana, ora de maneira distinta, ora complementar, ora, ainda, imprecisa. Autores como Vilagrassa (1991) e Capel (2002), a partir das leituras que fizeram das principais correntes dos estudos sobre as formas urbanas, fazem-nos compreender que a morfologia urbana, a partir da decomposição de elementos fundamentais, possibilitaria que se qualificasse e que se comparasse a paisagem da cidade. Nossa avaliação é que, numa ordem de importância metodológica, seria o caso de se reconhecer que a morfologia urbana, pelo estudo conjunto do plano e dos seus outros componentes, permitiria que se apreendesse a paisagem. Ainda que se restringisse a investigação à descrição do visível, num primeiro momento², seria necessário abranger, posteriormente, as dinâmicas e os processos que levaram à configuração da forma urbana em questão, ou, a partir do entendimento destes últimos, debruçarmos sobre as formas, avaliando sua capacidade de aqueles retratar.

Para Carlos (2004, p.35),

a ideia de paisagem, na perspectiva geográfica, liga-se ao plano do imediato aquele da produção do espaço, analisado enquanto produto das transformações que a sociedade humana realiza a partir da natureza, num determinado momento do desenvolvimento das forças produtivas, sob múltiplas formas de uso, seja através da construção da moradia, do lazer, das atividades de trabalho.

A autora expressa questões nodais: a concepção de que a paisagem permitiria a apreensão, em uma primeira instância, do visível-sensível, tanto quanto o qualificaria como produto social, como manifestação formal da ação do Homem, o que reforçaria a compreensão de que a leitura da paisagem, por meio de suas formas e conjuntos não se ateriam, necessariamente, ao visível, a ser tipificado e comparado, mas a seu significado, inclusive no âmbito da semiótica. Assim, consideramos que, para o entendimento da forma urbana, deve-se contemplar aspectos para além da simples

² Dolfuss (1973, p.13), por exemplo, ao tratar da análise da paisagem por parte dos geógrafos, destaca que *“as formas decorrem dos dados do meio ambiente natural ou são consequências da intervenção humana que imprime seu selo no espaço”*.

delimitação ou descrição dos objetos geográficos em sua manifestação empírico-sensível, uma vez que é necessário estabelecer também *para quê, por quê, por quem e quando* se dá a produção das formas resultantes no contexto do processo de produção do espaço, na perspectiva *lefebvrina* já apontada.

Os instrumentos categoriais da Geografia para este entendimento devem ser aprofundados. Concordamos com Roncayolo (1990), que destacou que não há uma definição nítida em relação às categorias que abordam o estudo do conjunto de formas espaciais na perspectiva da Geografia Urbana. Para ele, a *“paysage urbain n’a jamais été formulée avec rigueur (à la différence de la notion de paysage agraire)”* (Roncayolo, 1990, p.90). Por isso, o estudo das formas urbanas e da paisagem urbana, muitas vezes, limita-se à *“constatation ou la mesure des volumes, dispositifs physiques, dessins architecturaux avec le sentiment ou la perception qu’en ont les habitants ou les visiteurs”* (1990, p. 90. Se esse autor reconhece os limites do estudo da paisagem, em contrapartida, também estabelece que esta não trata apenas de descrever ou apreender as formas espaciais. O estudo da paisagem, na Geografia, implica na compreensão das relações do empírico com a maneira que este, traduzido nas formas espaciais, é apreendido pelo Homem, ganhando significação.

Em nosso entendimento, e tomando a leitura de Roncayollo como balizadora, os termos Morfologia Urbana e Paisagem parecem guardar uma hierarquia. O primeiro se apresentaria como o estudo das formas urbanas, a partir de um conjunto prévio de elementos (o plano, o sítio, ou as relações destes, por exemplo) que permitiriam a comparação entre cidades diferentes e como instâncias analíticas, ou demonstrativas, de processos, inclusive, possibilitando a construção de tipologias. No segundo caso, a distinção entre forma e processo seria mais complexa, sobretudo pela dificuldade em se definir, dentro das várias leituras geográficas, decorrentes de referências epistemológicas diversas, elementos comuns à comparação, mas, sobretudo, porque a forma urbana passa a ser lida não apenas pelos seus aspectos morfológicos, mas, também, por seu conteúdo como representação. A morfologia urbana propiciaria os procedimentos para a descrição e comparação. O estudo da paisagem permitiria a incorporação paulatina de elementos explicativos e/ou analíticos que se somariam ao entendimento do processo de produção do espaço.

Apesar de reconhecermos a polissemia em relação à paisagem urbana, questão própria às Ciências Humanas e Sociais, não só por que a realidade, em constante transformação, implica na reconceituação e resignificação dos termos, mas também por que nessas ciências as matrizes epistemológicas estão mais presentes e repercutem numa disputa ideológica pelos conceitos, não deixamos de compreender a distinção que identificamos entre morfologia urbana e paisagem urbana.

Essa distinção não é sempre tomada, o que, via de regra, tem levado à imprecisão, epistemológica e metodológica, expressa por autores que tratam a análise da paisagem e a morfologia quase como sinônimos. Pacione (2009) parece reconhecer, ou aceitar, a equivalência dos termos, embora não deixe de compreender a dimensão histórica concernente aos conceitos (Forma Urbana, Forma Espacial; Paisagem Urbana, Paisagem Geográfica) e aos procedimentos de investigação e/ou recortes analíticos (Morfologia Urbana e Estudo da Paisagem Geográfica). O autor destaca que os estudos sobre as formas urbanas não são recentes na Geografia Urbana e, ao longo dos anos, houve transformações em suas abordagens. Para o autor:

The study of urban morphogenesis or town-plan analysis has a long history in urban geography. Since its high-point in the 1960s the approach has been sidelined, despite the fact that in its more recent formulations it has sought to advance from description and classification of urban forms to analysis of the causal forces underlying changes in the pattern of urban land. (Pacione, 2009, p.137)

Ou seja, compreende-se a relevância das forças que levam à alteração de formas pré-existentes e/ou à edificação de novas. O autor expressa, ainda, que *“these attempts to explore the backgrounds, motivations and actions of the major agents in the creation of townscapes at the local level represent a major advance on the earlier descriptive classifications of town plans”* (Pacione, 2009, p. 138). O ponto importante para a Geografia está justamente no sentido de explorar essas origens, motivações e ações dos principais agentes que criam as formas urbanas, uma vez que, como destacou Roncayolo (1990, p. 91), *“il existe une certaine logique des formes urbaines, qui n’est pas seulement inertie”*.

O mesmo autor reforçará a relevância das formas urbanas e reconhecerá a importância da dimensão temporal para sua significação ao afirmar que *“l’histoire de la ville dans ses anneaux successifs, comme celle d’un arbre”* (Roncayolo, 1990, p.91).

Se descrever e classificar a forma em si não é suficiente, temos que reunir esforços no sentido de assimilar os conteúdos das formas. A discussão proposta por Harvey (1980), ao tratar das abordagens ligadas às formas espaciais e aos processos sociais, mostra-se atual e reconhece que ambas as dimensões, a das formas (englobando, em nossa compreensão, a morfologia e a paisagem como recortes analíticos) e a dos processos são necessários à compreensão do espaço urbano.

Witherick, Ross & Small (2001, p. 269), com a obra *A Modern Dictionary of Geography*, sugerem o termo *townscape* (paisagem urbana), também utilizado por Pacione (2009), numa acepção em que se enfatiza a análise da forma urbana, definindo-a como: *“In essence, this is the urban equivalent of landscape and comprises the visible forms of the built-up area, particularly street plan and layout, architectural styles, land and building use”*. Nesse caso, o foco se dá na observação da área construída, do plano urbano, e sugere-se a incorporação das análises de uso do solo, que seriam mais pertinentes, em nossa avaliação, aos estudos no âmbito da estrutura urbana.

Em complementação a estes autores, compreendemos que o estudo das formas urbanas permite que se apreenda a paisagem geográfica, tomada como manifestação formal do espaço, por meio de elementos comparáveis, sistematicamente, entre os objetos estudados (a cidade, ou áreas da cidade), ou recortes analíticos (o sítio e o plano figurando como os mais representativos nos estudos, mas não se podendo olvidar dos conjuntos e/ou elementos arquitetônicos). Não se trata, assim, de se reconhecer na morfologia urbana uma abordagem subjetiva da paisagem, nos moldes da Geografia Cultural, em especial da corrente fenomenológica, que, no entanto, possuem seu campo e sua importância. Trata-se, sim, de se compreender que a morfologia urbana deve ser encarada como um processo de apreensão do visível que não deve se encerrar em si, mas denota a investigação conjunta dos processos criadores de formas espaciais e de sua capacidade, mais ou menos limitada, de influenciar na reprodução de processos socioespaciais e, complementarmente, das análises focadas nos usos do solo e nos *zonnings*, permitindo a apreensão da estrutura

urbana. No primeiro caso, a morfologia é um balizamento inicial para se apreender a relação intrínseca e inseparável entre forma e conteúdo, portanto, há, aqui, uma proposição de Método; no segundo caso, trata-se de, a partir da mesma dimensão empírica que funda o estudo das formas urbanas, compreender a dinâmica expressa nos diferentes usos do solo e na divisão, ou não, destes usos na cidade. Trata-se, aqui, de uma proposição de metodologias.

Questiona-se, portanto, a possibilidade de se tomar isoladamente a morfologia urbana como um campo de investigação suficiente para se debruçar sobre o entendimento da cidade e de sua produção, material e imaterial, uma vez que a análise, descritiva ou comparativa, das formas deve ser tomada em dois extremos do processo de investigação: um ponto de partida, ou um ponto de chegada, assim como a paisagem geográfica (Capel, 2002). A ideia de *forma* na Geografia e, posteriormente, de *forma urbana*, deve compreender, pois, mais que a observação dessas formas.

Buscando referências em manuais de Geografia Urbana tomados como clássicos, George (1983) e Beaujeu-Garnier (1997), por exemplo, tratam da forma e da extensão urbana por meio da análise dos planos urbanos, embora não fiquem restritos somente a eles. As tipologias desses planos (em quadriculas, radiocêntricas, lineares e flexíveis ou mistas) ofereceriam contributos importantes para a compreensão da forma urbana. Roncayolo, por sua vez, adverte que *“le plan ne se résume pourtant pas en une simple géométrie”* (Roncayolo, 1990, p.92), pois, para este autor, o estudo do plano urbano deve permitir a compreensão das diferentes etapas de crescimento da cidade, englobando sua contraditória e desigual produção, superando-se a descrição dos tipos de plano.

Nesse sentido, a partir da análise do plano urbano, e da forma da cidade como um todo, não devemos nos reter apenas à aparência dos objetos geográficos e/ou dos elementos morfológicos. A *“planta da cidade é o resultado de sua história”* (Merlin, 1988, apud Beaujeu-Garnier, 1997, p.98), ou seja, como já destacou Capel (2002), a análise não pode se limitar apenas ao tecido urbano³. Dessa maneira, a descrição e

³ Expressão esta, aliás, que, em algumas obras, comparece com proximidade conceitual com Morfologia Urbana, como se pode depreender, por exemplo, dos trechos a seguir, traduzidos do Dictionnaire de l'urbanisme et de l'aménagement: expressão metafórica que traduz a semelhança entre as células construídas e os vazios de um meio urbano e a fiação de um tecido. Pode-se compreender tecido urbano como o conjunto dos elementos do quadro urbano que constituem um todo. O tecido urbano é a

compreensão dos processos constituintes das formas espaciais abrem caminho para o aprofundamento analítico, permitindo progredir a partir da morfologia urbana.

5. Morfologia, paisagem e tempo

A Morfologia Urbana permite a construção, sempre mais ou menos significativa e abrangente, de tipologias e, assim, presta-se à comparação em duas frentes possíveis, a temporal e a espacial.

Ao encontro deste entendimento, Sposito (2004) compreende que apenas a análise da forma não é suficiente para se compreender a morfologia. Para a autora:

[...] o conceito de morfologia urbana não se referiria a uma dada forma urbana (extensão e volume), tal como ela se apresenta configurada espacialmente, mas ao processo de sua gênese e desenvolvimento, segundo os quais podemos explicar essa morfologia e não apenas descrevê-la ou representá-la gráfica ou cartograficamente (Sposito, 2004, p.66).

Por sua vez, para Witherick, Ross & Small (2001, p. 184) a morfologia urbana consiste em *“analysis of the built fabric of towns and cities (its layout, form, functions, etc.) and of the ways in which this fabric has evolved over time”*. Ou seja, para além da forma, é necessário compreender como o tecido urbano tem sido erigido ao longo do tempo, tornando-se possível compreender sua evolução, englobando elementos do passado para poder analisar o presente.

Nesse sentido, Sposito (2004, p. 71) considera as formas urbanas como *“fusão do passado e do presente em determinado momento”*. Essa dimensão temporal, ainda para essa autora, é importante para não se tomar a forma pelo processo, para que não se reduza esse à primeira.

O estudo da paisagem (e na construção da Geografia não se pode deixar de lembrar que esta já fora a própria análise geográfica em algumas Escolas e períodos históricos) valoriza essa dimensão temporal, também presente na morfologia urbana, em detrimento da possibilidade sistemática da comparação entre cidades. Isso decorre de

expressão física da forma urbana. É constituído pelo sítio urbano, pela rede viária, pela divisão dos lotes urbanos, pela relação entre espaços construídos e não construídos, dimensão, forma e estilo das construções e pelas relações que ligam esses elementos. Essa proximidade parece se dar mais pelos elementos constitutivos do que pela abordagem metodológica ao tema.

que a análise da paisagem urbana, como já escrito anteriormente, não dispõe, tradicional e sistematicamente, na Geografia, de um conjunto de elementos que possibilitem sua desconstrução e reconstrução analítica com vista a uma tipologia, embora isso não seja impossível e mesmo desejável em alguns casos. Estes elementos comuns podem ser apreendidos como o sítio urbano; o plano urbano; os conjuntos homogêneos e a heterogeneidade; a compacidade ou a dispersão; a relação entre o que é edificado e o que não é. Talvez, aí resida a riqueza da primeira abordagem (a paisagem) e os limites, sem desconhecer sua relevância e importância, da segunda (a morfologia).

O estudo da paisagem urbana pode privilegiar a dimensão temporal por dois recortes elementares. O primeiro é a constatação de que o novo e o velho se combinam e são configurados e reconfigurados; a compreensão analítica de que a paisagem da cidade, para seu entendimento como categoria geográfica, implica no conhecimento de sua significação pelos diferentes sujeitos que produzem a cidade. Neste ponto, cabe retomarmos o que Santos (2006, p. 140) denominou como *rugosidade*, referindo-se “ao que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulem em todos os lugares”. Essas rugosidades se apresentam como formas, ou seja, é a materialização de processos predominantes em um passado, portanto, “nos trazem os restos de divisões do trabalho já passadas, os restos dos tipos de capital utilizados e suas combinações técnicas e sociais com o trabalho” (Santos, 2006, p. 140).

O segundo recorte implica reconhecermos que a paisagem urbana não é sinônimo, assim, de forma urbana, embora, num primeiro momento de apreensão, sejam comuns muitos dos pontos constituintes da análise.

Carlos (2004, p. 35) trata da análise da paisagem urbana afirmando que o passado está “inscrito nas formas geradas por tempos diferenciais acumulados, mas sempre atuais, sincrônicos e diacrônicos, que produzem uma impressão apreendida pelos sentidos”. Para a mesma autora, em outra obra, as formas urbanas “não revela[m] a gênese do espaço, mas aparece[m] como caminho para a análise do modo como o passado e presente se fundem em determinado momento” (Carlos, 2001, p. 46).

Nesse sentido, Capel (2002, p. 20) destaca que o estudo das formas urbanas exige *“una aproximación estructural, es decir, que tenga en cuenta los diversos elementos componentes y sus interrelaciones, y diacrónica, es decir histórica, que dé cuenta de las transformaciones”*.

Nessa direção, Roncayolo (1996, p. 67) destaca a configuração de um mosaico que constitui a morfologia urbana, reforçando a ligação do espaço ao tempo: *“Mosaïque, articulation des unités, substitution, concurrence ou superposition des principes d’organisation, cohérence ou dissolution, logiques d’extension ou de résistance: chaque fois, l’espace renvoie au temps”*. Ainda para o autor, essa análise temporal deve se fundamentar numa história que *“établissant le rapport entre les structures et les mouvements”*, reforçando, dessa maneira, a articulação com o espaço.

Para a Geografia, esse viés é fundamental. E, nesse sentido, constitui-se numa abordagem necessária para a morfologia urbana. Deste modo, compreender a ação dos diferentes agentes, isto é, as lógicas envolvidas no processo de produção do espaço urbano e suas implicações na (re)configuração das formas urbanas envolve as dimensões temporais e espaciais. Como já afirmou Moudon (1997, p. 3): *“The city is the accumulation and integration of many individual and small group actions, themselves governed by cultural traditions and shaped by social and economic forces over time”*. Isso leva à configuração de um cenário complexo, por meio da combinação de ações individuais e coletivas, sob influências políticas, econômicas e culturais através do tempo histórico

As estratégias e interesses de cada agente levam à conformação de um espaço urbano desigual. Tomando-se como base as contribuições de Harvey (2005), que considera a “produção desigual do espaço”, temos, também no âmbito da cidade e do urbano, a configuração de formas heterogêneas, compostas de formas social, temporal e espacialmente distintas e desiguais, mas combinadas.

Portanto, as formas urbanas são erigidas por uma articulação de vários elementos que dão caráter complexo a essa realidade. No entanto, reconhecer essa complexidade não é suficiente, tornando necessário explorá-la e analisá-la nas dimensões inseparáveis da produção do espaço e do tempo sociais.

6. Considerações sobre procedimentos e elementos da investigação das formas urbanas

A partir do trabalho de síntese de estudos sobre a forma urbana elaborado por Moudon (1997), que considera as correntes atualmente compreendidas como majoritárias na morfologia urbana, identificadas pelo ISUF – *International Seminar on Urban Form*, compreendemos que: a) “a forma urbana é definida por três elementos físicos fundamentais: as edificações e seus espaços abertos relacionados, as parcelas ou lotes e o plano”; b) “a forma urbana pode ser compreendida em diferentes níveis escalares, da edificação ao recorte da aglomeração urbana, ou supraurbano” (Moudon, 1997, p. 7, tradução livre); c) a dimensão histórica e processual é condição fundamental para a compreensão das formas urbanas (Cf. Moudon, 1997, p. 7). Assim, para esta autora, forma, escala e tempo constituem os três componentes fundamentais de pesquisa neste âmbito.

Concluirá a autora que “a forma urbana somente pode ser compreendida historicamente a partir dos elementos de que é composta, sujeita a contínua transformação e realocização” (Moudon, 1997, p. 7, tradução livre).

Considerando-se a discussão desenvolvida nos tópicos anteriores, com os estudos morfológicos identificamos, num conjunto de cidades (usualmente, numa aglomeração ou numa conurbação), na cidade, ou em áreas da cidade, os elementos fundamentais anteriormente apresentados e a seguir descritos. Estes pontos não foram por nós estabelecidos. Foram sistematizados a partir da bibliografia utilizada, com maior ênfase ora em um, ora em outro autor

O plano urbano e a evolução do plano. Comumente, as cidades apresentam uma sobreposição, ou justaposição de planos urbanos, o que denota a necessidade de se avaliar os períodos de implantação, os determinantes de cada plano, as relações do plano com a circulação e com os demais componentes da morfologia em distintos momentos.

As relações do plano com o sítio urbano se dão, sobretudo, entre: o plano e a topografia, os limites físicos, os acidentes geográficos, que possuem certo grau de

determinação sobre a implantação e a expansão do sítio urbano (ao passo que as limitações técnicas e legais, por sua vez, transformam-se historicamente); a função urbana predominante instituída pela origem do povoamento (Roncayolo, 1990).

Para alguns autores (Cf. Capel, 2002), a fisionomia urbana teria sido, ao lado do plano, um dos primeiros elementos estudados pelos geógrafos nas análises das formas urbanas e estaria relacionada com a função, ou com as funções, desenvolvidas na cidade e não podemos deixar de relacionar esse elemento com a paisagem, no sentido conceitual geográfico. Seria um primeiro momento de apreensão da forma da cidade como um todo, ou fruto de primeiro contato empírico com a cidade, quando o que se mostra preponderante compareceria nessa fisionomia.

A noção de fisionomia urbana, poderia, a nosso ver, ser substituída pelo conceito de paisagem, em seu sentido geográfico. Assim, na análise morfológica a paisagem é tomada, num primeiro momento de apreensão, em sua dimensão mais imediata e sensorial. As relações feitas entre morfologia e paisagem são muito claras nos principais autores que escreveram sobre o tema (Capel, 2002; Allain, 2005; Roncayolo, 1990). A paisagem geográfica não se limita, ou se subordina, às formas, no âmbito da Geografia e o estudo da paisagem é um componente do estudo morfológico.

A relação entre o que é edificado e o que não é edificado (os espaços públicos, os espaços abertos, os vazios). Nesse caso, a morfologia permite que se observe as áreas edificadas e as não edificadas, sempre uma em relação à outra e destas com o conjunto da cidade. Essa relação (edificado – não edificado) pode ser avaliada tanto para se procurar identificar os vazios urbanos, tomando-se a cidade como um todo, quanto na avaliação das relações entre a edificação e seus espaços abertos (a escala é a da própria edificação, ou de uma praça, por exemplo). Pode-se, também, num determinado plano de um loteamento, observar-se a disposição e tamanho das áreas públicas não edificadas.

A densidade da ocupação e a identificação de áreas morfológicamente homogêneas e a heterogeneidade também devem ser analisada sempre de maneira relacional: comparando-se, no contexto analisado (a cidade, o loteamento, o conjunto de cidades), as áreas mais densas e as áreas menos densas.

Assim, os conjuntos homogêneos e a heterogeneidade, a compacidade ou a dispersão e a relação entre o que é edificado e o que não é possuem uma realidade relacional, o que depreendemos dos estudos de Allain (2005).

Nas obras de Allain (2005), Capel (2002), Conzen (1978), Rocayollo (1990, 1996), Vilagrassa (1991), Whitehand (1987, 2001), Whitehand & Carr (2001), Whitehand & Larkhan(2000) há proximidade entre o entendimento do que seja a morfologia urbana e o conceito de paisagem. Entendemos que a morfologia urbana é o estudo das formas urbanas, considerando-se os elementos listados acima, o que permite, no âmbito desta forma de investigação, a comparação no tempo e no espaço. A paisagem geográfica (e, no caso, a paisagem da cidade) é um conceito que instrumentaliza a apreensão das formas espaciais que compõem os estudos morfológicos, uma vez que pode englobar, numa relação dialética, a forma e a representação da forma, portanto, a construção que dela faz o Sujeito.

As formas urbanas são figurativas de uma soma de tempos, nelas cristalizados. Ao se intentar recompor este tempo pelas formas deparamo-nos com um duplo desafio: depreender os processos em diferentes momentos de sua consecução e, ao mesmo tempo, apreender a dinâmica da própria produção do espaço urbano, forma e conteúdo. Isso é possível pela identificação das formas que se mantém, das formas que condicionam novas formas e, ainda, daquelas que são modificadas ou destruídas. O tempo longo, o tempo da História, assim, é lido nas formas da cidade, que se inscreve, dessa maneira, como um palimpsesto, analogia que tomamos emprestada de Horacio Capel (2002) e Milton Santos (1996).

7. Referências

Allain, R. (2005). Morphologie urbaine. Géographie, aménagement et architecture de la ville. Paris, Armand Colin.

Beaujeu-Garnier, J. (1997). Geografia urbana. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

Capel, H. (2002). La morfología de las ciudades – 1. Sociedad, cultura y paisaje urbano. Barcelona, Serbal.

- Carlos, A. F. A. (2004). O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade. São Paulo, Contexto.
- Carlos, A. F. A. (2001). Espaço-tempo na metrópole. São Paulo: Contexto.
- Clark, D. (1982). Introdução à geografia urbana. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.
- Conzen, M.P. (1978). Analytical approaches to the urban landscape. Dimensions of human geography. K.W. Butzer (Ed.). Chicago, University of Chicago, Department of Geography, Research Paper nº 186, 1978: 128-65.
- Dolfuss, O. (1973). A análise geográfica. São Paulo, Difusão Européia do Livro.
- Fernandes, M. G. (2008). Urbanismo contemporâneo e morfologia urbana nas cidades do norte de Portugal (1852-1926). Cidades. 8(5): 329-354.
- Ferreira, A. B. De H. (2012). Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. São Paulo, Positivo.
- Geddes, P. (1994). Cidades em evolução. Campinas, Papirus.
- Geiger, P. P. (2003). As formas do espaço brasileiro. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores.
- George, P. (1983) Geografia urbana. São Paulo, Difel.
- Gottdiener, M. (2010). A produção social do espaço urbano. São Paulo, Edusp.
- Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa
- Harvey, D. (1980). A justiça social e a cidade. São Paulo, Hucitec.
- Harvey, D. (2005). A produção capitalista do espaço. São Paulo, Annablume.
- Hartshorne, R. (1978). Propósitos e Natureza da Geografia. São Paulo: Hucitec/Edusp.
- Hettner, A. (1927). La naturaleza de la geografia y sus metodos. MENDOZA, J.G.; JIMÉNEZ, J.M.; CANTERO, N.O. El Pensamiento Geográfico. 2º ed. Madrid: Alianza, 1994.

- Holanda, F. de; Kohldorf, E.; Farret, R.; Cordeiro, S. (2000). Forma urbana: que maneiras de compreensão e representação?. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais. 3: 9-18.
- Lamas, J. M. R. G. (2004). Morfologia urbana e desenho da cidade. Porto, Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia.
- Lefebvre, H. (1999). A revolução urbana. Belo Horizonte, Ed.UFMG.
- Merlin, P.; Choay, F. (Eds.). (2005). Dictionnaire de l'urbanisme et de l'aménagement. Paris, Presses Universitaires de France.
- Moudon, A. V. (1997). Urban morphology as an emerging interdisciplinary field. Urban Morphology. 1: 3-10.
- Pacione, M. (2009). Urban Geography. A global perspective. New York, Routledge.
- Roncayolo, M. (1990). La ville et ses territoires. Paris, Gallimard, Folio Essais.
- Roncayolo, M. (1996) Les grammaires d'une ville : essai sur la genèse des structures urbaines à Marseille. Paris, Éd. De l'École des hautes études en sciences sociales.
- Santos, M. (2006). A natureza do espaço. Técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo, Edusp.
- Serra, G. (1987). O espaço natural e a forma urbana. São Paulo, Nobel.
- Sposito, M. E. B. (2004). O chão em pedaços: urbanização, economia e cidades no Estado de São Paulo. Livre Docência, Universidade Estadual Paulista.
- Vilagrassa, J. (1991). El Estudio de la Morfología Urbana: una aproximación. Geocrítica. Cuadernos Críticos de Geografía Humana. 92(16): s.p.
- Whitehand, J. W. R. (2001). British urban morphology: the Conzenian tradition. Urban Morphology. 5 (2): 103-109.
- Whitehand, J.W.R. (1987). Urban morphology. Historical Geography: progress and prospect. M. Pacione (Ed.). London, Croom Helm, 1987: 250-76
- Whitehand, J.W.R.; Carr, C.M.H. (Ed.). (2001). Twentieth-century suburbs: a morphological approach. New York, Routledge.

Whitehand, J.W.R.; Larkham, P. J. (2000). Urban landscape research: achievements and prospectus. Urban landscapes: international perspectives. J. W. R. Whitehand and P. J. Larkham, (Eds.). New York, Routeledge.

Wetherick, M.; Ross, S.; Small, J. (2001). A Modern Dictionary of Geography. Londres, Arnold.

www.buscon.rae.es (Diccionario de La Lengua Española de La Real Academia Española)

www.larousse.fr/dictionnaires/francais

www.oxforddictionaries.com

www.urbanform.org